

A praia chique onde o cronista nem conseguiu descansar

A Granja ainda conserva muitos sinais da praia aristocrata que era, quando Ramalho Ortigão a visitou há quase século e meio. E, ao contrário do que transparece na crónica que sobre ela escreveu, é uma praia a merecer visita

Abel Coentrão

José Duarte chegou ali de comboio, que era como se chegava àquele lugar que quase não era lugar nenhum antes de o comboio lá parar, em 1864. Em pouco mais de uma década, a Granja, ali a sul de Gaia, tornara-se “uma povoação diamante, uma estação *bijou*, uma praia de algibeira”, “a mais graciosa, a mais fresca, a mais asseada das estações de recreio em Portugal”, e o jornalista e escritor Ramalho Ortigão não podia, por isso, deixar de a incluir no seu novíssimo guia *As Praias de Portugal*, editado em 1876, no mesmo ano em que o lugar ganharia um lugar na história com a assinatura, ali mesmo, em Setembro, de um pacto que levaria à fusão dos partidos Histórico e Reformista e consequente criação do Partido Progressista.

Portugal vivia tempos conturbados. Nesse mesmo Verão em que uma parte importante do país político foi retemperar forças à Granja, e inaugurar o bipartidarismo, um *crash* financeiro, em pleno Agosto, quase nos pôs na bancarrota. A caminho da grande crise do final do século, a elite portuguesa seguia as receitas do tempo – o daquele, que às vezes nos parece tão próximo – e investia, podendo, na vivenda à beira-mar, num chalé, ou num mais modesto pavilhão de férias, se para mais não desse. E foi assim que Frutuoso Aires de Gouveia transformou um pinhal, antigo refúgio terapêutico dos monges de Grijó, no refúgio da aristocracia do Reino, frequentado, também, pois claro, pela própria realeza.

Uma praia dos banhistas

“Como não há no lugar população indígena, a Granja pertence exclusivamente aos banhistas. Quando estes, no mês de Novembro, levantam os arraiais, a povoação desabitada é guardada apenas pelo banheiro, pelo padeiro e pelo tendeiro do sítio. De sorte que a Granja é verdadeiramente a coisa que o seu nome indica – uma espécie de quinta”, descreve, às suas leitoras, José Duarte Ramalho Ortigão, que ali chega num dia de Outubro (o de 1875, presume-se), em que a localidade se achava vazia: “Foram para lá [Matosinhos] todos às



Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner



corridas de cavalos, pelo comboio da manhã. Mas as senhoras voltam para jantar no expresso das sete horas, avisaram-no na estação.”

Enquanto deambula por ali – à espera das famílias com quem haveria de conviver – Ramalho Ortigão atém-se mais às ruas bem tratadas, aos exemplares “da graciosa arquitectura moderna das edificações de recreio” – algumas das quais sobreviveram até aos nossos dias – do que propriamente ao mar. Seria certo que iam a banhos os que ali passavam os meses mais quentes, amenizados pelos ares do Atlântico e pela frescura

do arvoredo plantado nos poucos arruamentos que, em quadrícula, separavam a linha férrea da orla marítima. Mas, nesta crónica, quase não o chegamos a perceber.

Num lugar onde, contabilizou, viveriam umas 300 pessoas, ninguém passava despercebido. “Os banhistas da Granja conhecem-se todos, apertam-se todos as mãos, frequentam as casas uns dos outros, vivem finalmente em família. É tão agradável isto que custa às vezes a suportar”, avisava o cronista que nem teve tempo de calçar as chinelas e se pôr em mangas de camisa. O sossego, se era ao sos-

sego que vinha, foi-lhe logo espantado pelas “risadas frescas e cristalinas” de um enxame de senhoras e meninas, mães e filhas, que lhe fazem uma surpresa, lhe trazem um ramalhete de rosas-chá e um convite para um almoço no prédio ao lado.

Cansados de ter graça

E lá vai ele, com uma garrafa de bom branco de Chablis, chapéu de palha, para casa da família A, que convida a família B, que o há-de levar no dia seguinte a jantar com o casal C. Ufa... “Pela nossa parte, procuramos pagar todas estas obrigações com a amabilidade, com a frase, com a anedota, com o dito, com todas as despesas da conversação, com todas as prodigalidades do espírito.” É fácil imaginar o tamanho da conta, a garganta ressequida a pedir mais borgonha. “À noite estamos todos cansados da graça que tivemos, e ainda mais da graça que fomos obrigados a achar que tinham os outros”, escreve, numa tirada que poderia bem ter sido publicada em *As Farpas*. Observador a sentir-se observado por gente “sedenta de matéria examinável”, certo de

ter perdido metade da fama com que chegara, logo aos primeiros contactos, resume aqueles primeiros momentos na Granja: “Deitamo-nos neste primeiro dia aborrecidos de obséquios, estafados de amabilidades, esvaídos de conversação. Prometemo-nos descansar ao outro dia no silêncio e na solidão, fumando o nosso velho cachimbo à beira do mar, conversando simplesmente com um rude pescador ou com um bronco trabalhador dos campos tranquilo e sereno, sem ideias, sem pretensões e sem palavras.”

Ainda se levantou de madrugada, no dia seguinte, mas não achou nem lavradores nem pescadores. Antes de tentar, ingloriamente, refugiar-se no pinhal, viu criados à janela, a envernizar as botinas dos patrões. “É o alvorecer do chique”, escreveu, abrindo as páginas para um novo dia sem descanso, que haveria de repetir-se no seguinte, e no que lhe haveria de suceder. Só o comboio – esse que hoje ainda nos leva lá, sem receios de tanta vida “em família” – o haveria de salvar.